

## A leitura argumentativa em dimensão dialógica

### Argumentative reading in a dialogic dimension

Isabel Cristina Michelan de Azevedo<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo explora a leitura argumentativa, um fenômeno interdisciplinar que integra perspectivas da linguagem, pautadas pela Filosofia, Psicologia e Educação. Diante da necessidade de aprofundamento teórico-prático sobre o tema, este ensaio teórico tem por objetivo discutir a dimensão dialógica da leitura, com ênfase nas especificidades dos diálogos argumentativos dialéticos e não mediatizados, bem como no procedimento de questionar um assunto. Metodologicamente, a reflexão se fundamenta em uma abordagem qualitativa e está organizada em duas partes interligadas por uma análise interacional no qual os sujeitos, por meio de relações dialógicas, praticam a compreensão responsiva. Os resultados apontam que a leitura argumentativa é um processo interacional no qual os indivíduos, por meio de relações dialógicas, exercitam a compreensão responsiva. Esse processo mobiliza múltiplas dimensões, incluindo a perceptual, sociocognitiva, emocional e simbólica. Como contribuição, o artigo apresenta esquemas e procedimentos que visam apoiar o desenvolvimento de práticas de leitura argumentativa em contextos escolares.

**Palavras-chave:** Dimensão dialógica. Leitura argumentativa. Multidimensionalidade. Círculo de Bakhtin.

**Abstract:** This study explores argumentative reading, an interdisciplinary phenomenon that integrates perspectives on language based on philosophy, psychology, and education. Given the need for further theoretical and practical study on the subject, this theoretical essay aims to discuss the dialogical dimension of reading, with an emphasis on the specificities of dialectical and unmediated argumentative dialogues, as well as on the process of questioning a subject. Methodologically, the reflection is based on a qualitative approach and is organized into two parts interconnected by an interactional analysis in which the subjects, through dialogical relationships, practice responsive comprehension. The results indicate that argumentative reading is an interactional process in which individuals, through dialogical relationships, exercise responsive comprehension. This process mobilizes multiple dimensions, including perceptual, social, cognitive, emotional, and symbolic. As a contribution, the article presents schemes and procedures that aim to support the development of argumentative reading practices in school contexts.

**Keywords:** Dialogical dimension. Argumentative reading. Multidimensionality. Bakhtin Circle.

### Introdução

Neste ensaio, a leitura é tematizada a fim de destacar a dimensão dialógica da leitura e da argumentação. Essa escolha decorre de observarmos a necessidade de ampliar a compreensão desses conceitos no âmbito da formação continuada de professores<sup>2</sup>, com

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Letras Vernáculas e Programa de Pós-Graduação em Letras, São Cristóvão, SE, Brasil. Endereço eletrônico: [icmazevedo2@gmail.com](mailto:icmazevedo2@gmail.com)

<sup>2</sup> A experiência na formação inicial de professores na Licenciatura de Letras Vernáculas e na formação continuada no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e em cursos extensionistas tem

direcionamento específico para discutirmos os modos como podem ser organizadas as atividades de ensino e aprendizagem da leitura argumentativa. Como, no Ocidente, a argumentação, que tem a retórica como uma das principais referências, é concebida em pelo menos três dimensões (lógica, emocional e interpessoal), ao ser articulada à leitura requer de pesquisadores e professores um aprofundamento dessa discussão.

Assim, inicialmente, assumimos a multidimensionalidade da argumentação, e isso permite observar diferentes visões acerca de um mesmo assunto, conforme os valores, as crenças, os interesses, os conhecimentos etc. que são mobilizados diante do outro. A multidimensionalidade da argumentação tem sido analisada por diferentes autores (Kock, 2003; Grácio, 2013; Azevedo, Santos, 2018; Gonçalves-Segundo, 2020, Gómez, 2020, entre outros), tanto em perspectiva teórica quanto prática. Apesar de haver diferenças em relação ao tratamento da multidimensionalidade – alguns enfocam a perspectiva deliberativa, enquanto outros estão preocupados com as questões lógicas e discursivas –, notamos que as relações que se estabelecem entre o eu e o outro constituem um ponto comum entre todos eles. Ou seja, os diferentes pensadores entendem que a interação entre os sujeitos que participam de uma determinada cultura, apoiados em valores sociais, estabelece bases de referência para a prática da argumentação e da leitura.

A multidimensionalidade da leitura tem sido enfatizada sobretudo entre os que a tomam no âmbito da leitura literária (Jouve, 2002; Jiménez, 2005, por exemplo). Contudo, propomos ampliar a reflexão relativa às variadas dimensões da leitura aos distintos gêneros do discurso, uma vez que todos, os literários e os cotidianos, são constituídos por uma natureza verbal (linguístico-discursiva) comum, pela dialogização das vozes sociais, pelo heterodiscurso<sup>3</sup>, pela dinamicidade semiótica<sup>4</sup> etc. (Bakhtin, 2015, 2016).

---

possibilitado confirmar a necessidade de ampliação da formação de professores em relação à leitura, com particular atenção para a leitura argumentativa.

<sup>3</sup> Segundo Bezerra (2015, p. 247), na “[...] terminologia bakhtiniana, heterodiscurso inclui: dialetos sociais, maneiras de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, a linguagem das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas. Em suma, trata-se de um heterodiscurso social que traduz a estratificação interna da língua e abrange a diversidade de todas as vozes socioculturais em sua dimensão histórico-antropológica” [...].

<sup>4</sup> A partir da síntese de Lotman, realizada no âmbito da Escola de Tártu-Moscou, com base nos trabalhos de Tynianov, Bakhtin, Vygotsky, Eisenstein e outros, temos acesso à teoria russa e semiótica da cultura (Torop, 2019). “O mecanismo semiótico da cultura criado pela humanidade é organizado de uma maneira substancialmente diferente: são adotados princípios estruturais opostos e alternativos. Suas relações, o arranjo desses ou daqueles elementos no campo estrutural que está sendo formado, criam o arranjo estrutural que torna possível fazer do 'sistema o meio de preservar a informação'. E, no entanto, também é essencial que não sejam atribuídas essas ou aquelas alternativas específicas, cujo número seria sempre finito e - para um determinado sistema - constante, mas o próprio princípio de alternância, com base no qual todas as oposições concretas de uma determinada estrutura representam apenas as interpretações em um determinado nível. Assim, qualquer par de elementos, de arranjos locais, de estruturas particulares ou gerais, ou de sistemas semióticos inteiros, adquire o valor de uma alternativa e forma um campo estrutural que pode ser preenchido por informações. Dessa forma, surge um sistema com um aumento maciço de possibilidades informacionais.

Diante da multidimensionalidade da argumentação e da leitura, a compreensão da dimensão dialógica da leitura argumentativa torna-se ato complexo que será realizado tomando por base os trabalhos de Bakhtin e o *Círculo*, considerando as relações dialógicas<sup>5</sup> estabelecidas com pensadores com os quais o *Círculo* estabeleceu diálogos diretos e indiretos, bem como com intelectuais da atualidade, que se interessam tanto pela argumentação quanto pela leitura.

Assim, após esta introdução, encontra-se a seção “Argumentação como ato *dialógico* cognoscente”, que propõe uma retomada de noções selecionadas para discutir as articulações que podem ser ponderadas quando se quer tratar a argumentação como um fenômeno dialógico. Em seguida, a seção “Leitura argumentativa em diálogo: ato empírico concreto da compreensão responsiva” foi organizada para demarcar as especificidades de um tipo de leitura que requer procedimentos específicos, por isso docentes e discentes precisam ter a oportunidade de entendê-los e praticá-los na escola e na vida. Essas duas seções antecedem as considerações (quase) finais e as referências.

### **Argumentação como ato *dialógico* cognoscente**

Reconhecer o diálogo e, mais especificamente, a estrutura dialógica nos estudos da argumentação é algo presente desde a Antiguidade Grega (Walton, 2007). A própria escrita platônica e a sistematização da dialética, realizada por Aristóteles, confirmam como as relações entre perguntas e respostas constituem um argumento – tomado como um ato de linguagem no qual o participante de um diálogo apresenta uma conclusão, uma posição, ao outro. “[...] O ponto de partida é a atualidade, os homens vivos do entorno e as suas opiniões. A partir daí, dessa atualidade dissonante<sup>6</sup> e heterodiscursiva, e por meio da experiência pessoal e da investigação, realiza-se a orientação no mundo e no tempo [...]”, tal como observa Bakhtin (2019, p. 92-93) ao analisar a narração dialogizada que se encontra nos diálogos socráticos.

Para este início de reflexão, optamos por analisar o diálogo imediato, que pode ser considerado uma concepção estreita do diálogo ou o “*diálogo no sentido estrito do termo*”,

---

Esse desenvolvimento massivo [*lavinoobraznost*] da cultura não exclui a possibilidade de que vários componentes da cultura, às vezes muito essenciais, possam ser apresentados como estabilizados. Assim, por exemplo, a dinâmica das línguas naturais é mais lenta do que a taxa de desenvolvimento de outros sistemas semióticos, de modo que, em conjunto com qualquer um deles, eles atuam como um sistema em equilíbrio sincrônico. Mas também a partir disso, a cultura “extraí” informações, criando o par “fixo *versus* dinâmico” (Lotman, 1979, p. 91, tradução de IA DeepL).

<sup>5</sup> “[...] As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” Bakhtin, 1997, p. 42).

<sup>6</sup> Para Bakhtin, dissonância é o “[...] termo que significa divergência e também presença de vozes diferentes no discurso de um falante ou escritor” (Bezerra, 2015, p. 246).

relacionado ao diálogo face a face, para depois avançarmos para o “*diálogo no sentido amplo do termo*” (Faraco, 2009, p. 61-62, destaques do autor), que é constitutivo da linguagem. Isso porque entendemos que há um conjunto de ideias que precisa ser examinado nos estudos da argumentação e nos do discurso, especialmente em tempos de convivência com inteligências artificiais<sup>7</sup>, que exigem um novo olhar para a noção de diálogo em torno do qual novos modelos dialéticos precisam ser construídos, segundo Walton (2009).

Apesar de haver uma tradição longínqua em torno da pesquisa lógica na argumentação dialética, é recente o reconhecimento da importância da teoria do diálogo nesse âmbito<sup>8</sup>, justamente em função dos rápidos avanços no campo da computação, o que tem exigido da teoria da argumentação novas reflexões que possam preencher algumas lacunas (Walton, 2009).

Um diálogo simples é aquele composto por uma pergunta de alguém dirigida ao outro que recebe algum tipo de resposta dele, inclusive o silêncio, quando é relevante. Nesse contexto, interessa investigar tanto os tipos de perguntas quanto as modalidades de resposta, visto que está em curso uma troca verbal entre duas partes que seguem regras socialmente acordadas, de acordo com convenções ou expectativas. Contudo, quais regras que precisam ser seguidas? Essa pergunta pode ser respondida de maneira descritiva e formal. Na perspectiva descritiva, observam-se as trocas conversacionais reais, como os debates parlamentares, interrogatórios jurídicos, entrevistas televisivas, interações escolares entre professores e estudantes etc., que nem sempre indicam regras específicas de funcionamento. Na perspectiva formal, observam-se os sistemas de regras precisas, mas não necessariamente realistas, a fim de identificar propriedades alinhadas a elas, que possibilitam a utilização em ferramentas de análise, inclusive as automáticas (Walton, 2009).

Como pode haver diferentes tipos de trocas conversacionais, houve espaço para se constituir uma nova dialética (Walton, 1998)<sup>9</sup>, que vem sendo construída com vistas a

---

<sup>7</sup> Há mais de quinze anos estão em pleno desenvolvimento as pesquisas em torno da “dialética computacional” – entendida como uma atividade em IA que considera a linguagem e o protocolo de uso de sistemas que medeiam o fluxo de mensagens entre agentes que constroem julgamentos, acordos e outras escolhas sociais, a fim de alcançar um resultado eficaz –, como pode ser visto em Rahwan e Simari (2009), mas não é escopo deste ensaio aprofundar essa discussão.

<sup>8</sup> Em Walton e Krabbe (1995), encontramos discussões em torno do diálogo como base para o raciocínio interpessoal, dentro da lógica formal, que possibilitaram analisar os sistemas de diálogo que modelam as trocas argumentativas entre duas partes em diálogos em persuasão, por isso nessa obra encontramos uma descrição detalhada de suas características constitutivas, bem como de outros tipos de diálogo.

<sup>9</sup> O trabalho de Walton e Krabbe (1995) e o de Walton (1998, 2012), entre outros, está apoiado na lógica informal, mas apontam a necessidade de haver uma renovação na análise argumentativa com vistas a considerar os aspectos pragmáticos que estão implicados no diálogo. Como nesse esforço, novos fundamentos teóricos são propostos para que se considere os aspectos práticos próprios da vida cotidiana, observados na realização das ações de linguagem, resolvemos estabelecer relações dialógicas com a lógica informal, pois desconsideraremos o aspecto normativo para enfatizar dois pontos que são reconhecidos pelo Círculo de Bakhtin desde a década de 1920: as formas (não)

classificar os diversos tipos de diálogo e de conversa, incluindo também as pesquisas linguísticas, como as de Grice (1982). Essa abordagem identificou seis tipos básicos de diálogo nos quais a argumentação é utilizada para contribuir com o objetivo de cada diálogo, como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de diálogos, segundo a Nova Dialética.

Tipo de diálogo	Situação argumentativa	Meta	Objetivo	Método
<b>Altercação</b>	Confronto pessoal	Garantir superioridade	“Atingir” o outro	Ataque ao outro
<b>Persuasivo</b>	Conflito de opinião	Persuadir o outro	Resolver ou esclarecer um problema	Prova interna e externa
<b>Debate forense</b>	Disputa de ideias	Obter decisão favorável	Impressionar a plateia	Vitória verbal
<b>Investigativo</b>	Análise de provas	Verificar evidências	Provar (refutar) hipótese(s)	Argumentação baseada em conhecimentos
<b>Negociador</b>	Conflito de interesses	Ordenar prioridades	Estabelecer acordo razoável	Barganha
<b>Informativo</b>	Precisão de dados	Obter ou dar informações	Trocar/descobrir informações	Questionamento
<b>Deliberativo</b>	Prática da escolha	Coordenar metas e ações	Decidir o melhor curso das ações	Articular imperativos temáticos
<b>Erístico</b>	Conflito interpessoal	Confrontar frontalmente o adversário	Explicitar a base profunda de conflito	Explicitação de contraposições
<b>Educacional</b>	Oferta/busca de conhecimentos	Avaliar avanço cognitivo	Organizar/construir conhecimentos	Ensino

Fonte: Adaptado de Walton (2009, p. 23; 2012, p.13).

Com base no Quadro 1, observamos que cada tipo de diálogo se organiza conforme um padrão específico de ação. Apesar disso, todos os seis tipos de diálogo estabelecem compromissos (Walton, 2009), admitidos também como acordos na Nova Retórica<sup>10</sup>, que se tornam premissas interacionais entre o eu e o outro.

Se tomarmos o diálogo como uma condição da linguagem, tal como propõe Bakhtin e Heidegger (Todorov, 1997 *apud* Amorin, 2009), compreendemos que, no diálogo singular, o ato de pensar forma um todo integral:

[...] tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas [...], estes dois momentos, portanto, seja o do sentido, seja o histórico-individual (factual), são dois momentos unitários e

mediadas de diálogos e a constituição dos diferentes tipos a partir dos usos sociais da linguagem, que são sempre históricos e ideologicamente marcados.

<sup>10</sup> Segundo Perelman e Obrechts-Tyteca (2005, p. 73), *acordo* se define pelo “[...] que é aceito como ponto de partida de raciocínios e, depois, sobre a maneira pela qual estes se desenvolvem, graças a um conjunto de processos [...]”.

inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável [...] (Bakhtin, 2010, p. 44)<sup>11</sup>.

Notamos, a partir desse trecho que, na dimensão dialógica, o ato de pensar não é uma simples ação ou “[...] um comportamento qualquer que pode ser até mecânico ou impensado [...]”, visto que o *ato* corresponde a um “sujeito que pensa um pensamento [e] assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele responde por isso”, ou seja, é um ato “responsável e assinado” (Amorim, 2009, p. 22). Assim, quando se pensa o pensamento, tanto na criação teórica quanto artística – compreendidas como unidades da cultura –, o sujeito lida com o “conteúdo-sentido”, que é um tipo de “responsabilidad especializada”, quanto com próprio ser, histórico e socialmente determinado, por assumir uma “responsabilidad moral” (Bajtin, 1997, p. 8).

Diante disso, entendemos que o “pensamento-ato” obedece a necessidades:

Do ponto de vista interno de uma teoria, há uma necessidade lógica que a obriga a constituir-se e desenvolver-se de uma determinada maneira. Já o ato de pensar um pensamento é necessário não por uma necessidade lógica, mas por uma necessidade ética, que Bakhtin designa por um ter específico: *nuditel’nost*<sup>12</sup>. [...] A título apenas provisório, proponho utilizar aqui o termo *necessitância*, que tomo obviamente emprestado do neologismo francês (Amorim, 2009, p. 23, grifos da autora).

Compreendemos, com Amorin (2009), que nos seis tipos de diálogo dialético (ver Quadro 1), o sujeito necessita tanto reconhecer a lógica teórica e as convenções sociais e ideológicas, que organizam um modelo específico de relação entre o eu e o outro, construído social e teoricamente ao longo da história, quanto guiar-se pela *necessitância*, que o faz aderir a uma determinada perspectiva e não outra. Assim, ao pensar um pensamento, o sujeito integra elementos universais e repetíveis, relacionados às elaborações aceitas em diferentes campos do conhecimento, mas já realiza complementações e atualizações, além de articular o que “[...] não é idêntico nem repetível: o *ser real* no acontecimento único do ato de pensar. A *necessitância* de um pensamento é o que me diz o que devo pensá-lo e que não posso não pensá-lo” (Amorim, 2009, p. 23, grifos da autora).

Para conceber a argumentação como um ato dialógico cognoscente, então, entendemos ser necessário, com Bakhtin (1993, 2010), considerar tanto a criação teórica

---

<sup>11</sup> O trecho encontrado na tradução do italiano para o português realizada por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco (2010) coincide com as duas outras traduções realizadas diretamente do russo – de Vadim Liapunov para o inglês (1993) e de Tatiana Bubnova para o espanhol (1997) –, por isso resolvemos inserir a citação direta na versão que coincide com a língua original deste ensaio.

<sup>12</sup> O termo *nuditel’nost*, utilizado por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável*, causa muitas dificuldades de tradução, por isso tanto na versão francesa quanto na inglesa do texto foram realizadas escolhas devidamente justificadas pelos tradutores, a saber: *nécessitance* (neologismo) e *compellingness*, respectivamente. Assim, neste texto, optamos por seguir a proposta de Amorim (2009) para o uso de um novo neologismo em português (em seguimento à proposta francesa): *necessitância*.



(conteúdo-sentido”) quanto a *necessitância* de cada ato. Além disso, propomos a realização de uma análise mais minuciosa relativa às características de cada tipo de diálogo, como procuramos mostrar ao recuperar, a título de ilustração, os tipos de diálogos dialéticos que são identificados por Walton (1998, 2012), com base na lógica informal. Contudo, na sociedade contemporânea, parece-nos ainda ser importante um trabalho mais aprofundado acerca de algumas características constitutivas dos diferentes modos de estabelecimento dos distintos diálogos. Particularmente, interessa-nos marcar que em dimensão dialógica há elementos adicionais que orientam nossa compreensão acerca dos diálogos que estão em curso, com ou sem suporte tecnológico, sobretudo quando retomamos o interesse que Jakubinskij (2015) e o Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016c; Volóchinov, 2017, entre outros textos) tiveram pela fala dialogal desde a década de 1920.

Destacamos, inicialmente, apenas dois pontos tratados por Jakubinskij (2015)<sup>13</sup>: 1. a percepção do outro no diálogo é uma atividade que envolve o sujeito por inteiro, incluindo o corpo, pois a percepção visual (os gestos, as expressões, os movimentos corporais, a atitude demonstrada etc.) e a auditiva (a intensidade, a entonação, o timbre etc.) constituem o momento de interação; 2. há formas específicas que medeiam (ou não) o diálogo direto, ou seja, convivemos com formas (não) mediatizadas nas interações humanas nas ações de linguagem desde que a escrita passou a ser utilizada.

Observar os impactos da percepção do outro e das formas de mediatização nos diálogos é algo que colabora com a compreensão das especificidades de cada um dos tipos de diálogos listados no Quadro 1, pois nos orienta a entender como ocorre a **alternância** entre os sujeitos, incluindo o “*fenômeno das réplicas*” Jakubinskij (2015, p. 81, grifo do autor) e a **sucessão** dos dizeres, incluindo as interrupções e digressões. Uma exemplificação desse processo pode ser encontrada em Bakhtin (2016c).

Há uma diferença essencial entre o discurso estruturado em tropos (por exemplo, uma expressão metafórica) e o discurso paródico, irônico, humorístico, polêmico, etc. No primeiro caso, um sujeito discursivo e todo o movimento estão no interior do próprio objeto (desenvolvimento lógico-objetual) ou na expressão individual do próprio falante (ou na combinação de ambos os sentidos). No segundo, pressupõe-se um segundo sujeito e seu discurso de outro (real ou possível) e uma relação do falante (primeiro sujeito) com esse discurso, isto é, pressupõem-se os elementos de uma inter-relação dialógica. A expressão já não se relaciona ao objeto, não colore o objeto, nem diz respeito a uma pessoa como objeto (objeto de amor, de encantamento, de repulsa, etc.) mas ao falante e ao seu discurso, seu ponto de vista, seu estilo (Bakhtin, 2016c, p. 131-132).

---

<sup>13</sup> Outros pontos são discutidos por Jakubinskij (2015), como a distinção entre diálogo monologal e dialogal ou a especificidade do diálogo em diferentes gêneros discursivos (como abertura de uma cerimônia, bilhetes, debate acadêmico, entre tantos outros), mas em função dos limites deste texto, não incluímos as significativas reflexões encontradas na obra.

Notamos, a partir desse trecho, que já no âmbito do *diálogo no sentido estrito do termo*, a multidimensionalidade da argumentação é constitutiva tanto do intercâmbio social de ideias quanto do significado contextual da expressão pela linguagem, mesmo quando submetida aos convencionalismos, por exemplo. Isso porque nesse processo interacional todas as diversas modalidades de diálogo requerem a produção de um discurso coerente para cada situação comunicativa, tanto no âmbito do “conteúdo-sentido” quanto das *necessitâncias*.

Se comparamos o diálogo persuasivo, muitas vezes associado à discussão crítica (Walton, 2009), ao deliberativo, notamos que o primeiro, persuasivo, se concretiza em diálogos de dois tipos: assimétrico, em que a tarefa de provar o que se diz recai sobre um dos sujeitos que integram o diálogo, e simétrico, em que ambos assumem a obrigação de apresentar o ônus da prova do que se diz. Em diálogos que tematizam crer (ou não) em Deus, por exemplo, é comum acontecer um diálogo persuasivo assimétrico porque cabe a quem (não) defende a existência de Deus “levantar questões que reflitam suas dúvidas sobre a aceitabilidade dos argumentos” alheios (Walton, 2012, p. 16). Quando um não aceita as razões apresentadas pelo outro está instaurado um discurso persuasivo assimétrico, porque aquele que apresenta as justificativas, além de lidar com o “conteúdo-sentido”, precisa estabelecer relações com a palavra do outro, ou seja, precisa entender a situação, os valores em questão, o impacto da discussão no outro para que possa definir quais argumentos podem vir a gerar a adesão do outro. Neste processo, o sujeito leva “[...] em conta certas opiniões, gostos e apreciações desse interlocutor” (Bakhtin, 2016c, p. 129), assim como analisa as características da modalidade de diálogo em que se encontra implicado – diálogo prático, profissional ou ideológico, por exemplo (Bakhtin, 2016c) – para que consiga escolher as provas mais adequadas ao contexto vivido e ainda defina o tom que faça sentido frente ao outro.

Por sua vez, no diálogo persuasivo simétrico, o ônus da prova é de ambos (eu e o outro) e as posições que são assumidas dependem de uma avaliação mútua, a fim de que haja intercompreensão. No caso do diálogo em torno da (não) existência de Deus, um procura refutar a ideia alheia por meio do confronto direto ao que é dito ou a partir do levantamento de questões que venham a colocar em dúvida o que foi selecionado pelo sujeito para o diálogo. Isso solicita de ambos a prática da compreensão-inteiração<sup>14</sup> e a assunção de posições que se apoiam sobremaneira na *necessitância*; em justificativas que podem estar apoiadas em aspectos sentimentais, que restringem o mundo ao *páthos* do individual e privado (Bakhtin, 2017a); em pontos de vista que dependem da interpretação que se faz do outro e da situação. Observamos, assim, que nesse tipo de diálogo a percepção do outro e

---

<sup>14</sup> Segundo Bezerra, em Bakhtin (2017a, p. 24), na nota 2, “‘inteiração’ designa o processo de se inteirar de algo”, por isso é importante “não confundir com inteiração”.



as formas específicas de articular o dizer se tornam necessárias na interação requerida pelo diálogo.

O conjunto de elementos que constituem o diálogo persuasivo demarca a multidimensionalidade da argumentação que é ainda mais presente no diálogo deliberativo. Isso porque os argumentos<sup>15</sup> favoráveis e contrários a uma questão são contrapostos a fim de que haja uma definição do curso de ações a ser seguido, o que depende da análise de um problema em distintas dimensões. Assim, a relação entre o eu e o outro está vinculada à aceitação que é praticada em relação às premissas de cada argumento apresentado pelos sujeitos. Nesse processo, ocorre uma negociação de posições em que os valores que compõem os argumentos precisam ser explicitados, para que seja efetivada a análise deles por cada um, visto que as consequências das ações são relevantes para que haja a conclusão da argumentação (Goméz, 2020).

Como o que está em jogo são as premissas que sustentam as posições com vistas ao alcance de uma posição final (negociada), é frequente no diálogo deliberativo serem praticadas a classificação e hierarquização dos argumentos a partir de critérios que considerem a multiplicidade de dimensões implicada na argumentação. Nesse tipo de reflexão, pautada por elementos cognitivos e vivenciais, o julgamento depende da análise dos tipos de raciocínios, da capacidade de perspectivação (Grácio, 2013, Grize, 1996, entre outros), da análise das estratégias linguístico-discursivas que integram as distintas materialidades discursivas (Gonçalves-Segundo, 2020), bem como das forças verboideológicas, forças da vida da língua, que atuam nos heterodiscursos (Bakhtin, 2015). Notamos, assim, que os argumentos práticos, próprios de situações deliberativas, estão orientados à eleição de uma decisão tomada em circunstâncias particulares (Goméz, 2020), mas com base em convenções sociais amplamente conhecidas.

Isso significa que, na deliberação, a percepção do outro solicita uma análise ampla das dimensões constitutivas da realidade mais próxima, ao mesmo tempo em que são consideradas as bases sociais que integram as distintas formas de agir em sociedade. Entendemos, então, que o diálogo direto nesse tipo de situação argumentativa também é mediado pelas interações que acontecem além da situação imediata, uma vez que o discurso concreto “[...] está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos” (Bakhtin, 2015, p. 48).

No entanto, além de analisar os modos de participação nos diálogos diretos, precisamos não perder de vista “[...] o diálogo no sentido amplo do termo, isto é, a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo

---

<sup>15</sup> Assumimos, com Gonçalves-Segundo (2024, p. 204, grifos do autor) que “o **argumento** é considerado uma **unidade de fundamentação** de uma **resposta** a uma **questão argumentativa**”.

e tamanho postos em relação” (Faraco, 2009, p. 62, grifos do autor). Isso porque o enunciado vivo surge sempre em “determinado momento histórico em um meio social determinado”, no qual as “linhas dialógicas” são marcadas pela “consciência socioideológica” que o participante ativo mobiliza no “diálogo social” (Bakhtin, 2015, p. 49). Nesse “jogo dialógico”, os discursos se voltam para uma resposta que antecipa as réplicas vivas, e a “dialogicidade interna do discurso encontra sua expressão em várias particularidades da semântica, da sintaxe”, da composição etc (Bakhtin, 2015, p. 52).

Ao tematizar as características do diálogo direto, combinadas com a dimensão dialógica – tomada como a natureza própria de todo discurso –, intentamos mostrar, nesta seção, que uma análise minuciosa da argumentação possibilita a analistas e professores entender o ato dialógico cognoscente como uma construção do conteúdo-sentido em associação com as *necessitâncias*, visto que a “linguagem torna possível a vida discursiva” (Bakhtin, 2016b, p. 117), enquanto é influenciada por ela. Além disso, procuramos ressaltar que esse é um processo dinâmico, sempre marcado pela multidimensionalidade argumentativa, o que também nos possibilita entender o ativismo cognoscente a partir de articulações teóricas que sejam pertinentes.

Com base nessas ponderações iniciais, passamos a analisar as especificidades da leitura argumentativa, na dimensão dialógica, em seguimento às ideias do Círculo de Bakhtin. Para tanto, organizamos a próxima seção de maneira a tratar tanto das bases teóricas quanto das questões práticas que podem colaborar com a ação docente e com as aprendizagens discentes.

### **Leitura argumentativa em diálogo: ato empírico concreto da compreensão responsiva**

Diante do que pudemos discutir na seção anterior, propomos iniciar esta reflexão enfatizando que “o *ponto de vista é cronotópico* e abrange tanto o elemento espacial quanto o temporal” (Bakhtin, 2017a, p. 24, grifos nossos) na vida e no pensamento artístico. Com isso, queremos demarcar que a leitura acontece em um tempo e lugar determinados, considera os valores em curso no *espaçotempo*<sup>16</sup> vivido, integra-se na cultura da

---

<sup>16</sup> Optamos por manter a expressão em itálico para marcá-la como um neologismo que integra as ideias desenvolvidas no século XX. É importante lembrar que, na década de 1970, quando Bakhtin produziu o texto do qual retiramos a citação, a teoria da relatividade já estava amplamente aceita na física e em outros campos do conhecimento, depois de muitos anos de acaloradas discussões. Segundo Hawking e Mlodinow (2005, p. 42), “[...] a teoria da relatividade nos força a mudar fundamentalmente nossas ideias de espaço e tempo. Precisamos aceitar que o tempo não está inteiramente separado e independente de espaço, e sim combinado com ele para formar um objeto chamado espaço-tempo [...]”. Especificamente no universo pós-kantiano de Bakhtin, segundo Holquist (2009, p. 9-10, tradução nossa), no diálogo, o instrumento básico para julgar a precisão de nossa experiência epistemológica é o tempo/espaço. Assim, o cronotopo é o instrumento que permite a calibração das coordenadas de tempo/espaço, sem as quais o pensamento e a comunicação – a comunicação de fato – seriam impossíveis.

pluritonalidade e no cronotopo de um acontecimento. Isso porque na “compreensão-inteiração”<sup>17</sup> (Bakhtin, 2017a, p. 24) ocorre a articulação entre os elementos repetíveis do discurso e das ideias em circulação na sociedade e a compreensão assimiladora de um enunciado singular.

Entendemos, assim, que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente” (Bakhtin, 2016a, p. 25). Isso nos faz tomar a compreensão como uma atividade discursiva efetiva, real e concreta, por essa razão cada ato empírico de compreensão articula:

- (1) a “percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial”
- (2) a “*inteiração* inclui elementos conhecidos” e/ou implícitos, por isso está vinculada à compreensão de seu significado reproduzível (geral) da língua;
- (3) a “compreensão de seu *significado* em dado contexto” (mais próximo, bem como mais distante);
- (4) a “inserção no contexto dialógico” está relacionada ao elemento valorativo na compreensão ativa e em seu “grau de profundidade e de universalidade” (Bakhtin, 2017b, p. 63, grifos do autor).

Em nosso modo de ver, tal percepção pode ser alinhada à proposição de Jouve (2002), que propõe tomar a leitura como um ato semiótico marcado por seis dimensões. A partir dessas ideias, entendemos que todo ato de leitura é, então, uma atividade perceptual, sociocognitiva, simbólica, afetiva/emocional e argumentativa. E os itens 1 e 2 da lista acima remetem tanto para a dimensão neurofisiológica quanto sociocognitiva, visto que remetem ao ato de linguagem que requer o funcionamento do aparelho visual (ou de outro aparelho perceptivo) em associação com diferentes funções cerebrais. Em primeira instância, então, a leitura é “uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos” (Jouve, 2002, p. 17), capaz de desmembrar a compreensão em “atos particulares” que “[...] se fundem indissoluvelmente em um processo único [...]” (Bakhtin, 2017b, p. 62). Nesse processo, “cada ato particular tem uma autonomia semântica (de conteúdo) [...] e pode ser destacado do ato empírico concreto” (Bakhtin, 2017b, p. 63), enquanto se articula ao “jogo cultural” que inclui representações específicas e socialmente localizadas.

Os itens 3 e 4, por sua vez, estabelecem relações afetiva/emocional e simbólica. A dimensão afetiva pode ser tomada como um “princípio de identificação” que decorre de

---

<sup>17</sup> Segundo Bezerra (2017a, p. 24, nota do tradutor), “a inteiração, não interação, designa o processo de inteirar-se de algo”.

diferentes emoções – admiração, piedade, simpatia etc. (Jouve, 2002, p. 19). “Há determinados aspectos da vida e do homem que podem ser interpretados e justificados unicamente no aspecto sentimental; este não pode ser universal e cósmico. Ele restringe o mundo, torna-o pequeno e isolado. O *páthos* do pequeno e do privado” (Bakhtin, 2017a, p. 34). Nesse processo de construção de significados e de identificação, a consciência do mundo exterior chega à consciência do eu pelo outro (minha mãe etc.), “com a sua entoação, a sua tonalidade valorativo-emocional” e como consequência das relações que são estabelecidas entre os objetos – “[...] relações causais, relações matemáticas, lógicas, relações linguísticas etc. –, entre o sujeito e o objeto e entre os sujeitos – “[...] as relações pessoais, [...] relações dialógicas entre enunciados, relações éticas etc. [...]” (Bakhtin, 2017a, p. 30).

A dimensão simbólica diz respeito às relações dos textos/discursos com “a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época” (Jouve, 2002, p. 22), visto que os símbolos são os elementos mais estáveis e, ao mesmo tempo, mais emocionais [...] (Bakhtin, 2017b, p. 73). Diante disso, é relevante observar que a

compreensão recíproca entre os séculos e milênios, povos, nações e culturas assegura a complexa unidade de toda a humanidade, de todas as culturas humanas (a complexa unidade da cultura humana [...]). Cada imagem precisa ser entendida e avaliada no nível do grande tempo. A análise costuma desenvolver-se no espaço estreito do pequeno tempo, isto é, da atualidade do passado imediato e do futuro representável [...]. As formas axiológico-emocionais da antecipação do futuro na língua-discurso [...], a relação superficialmente humana com o futuro (Bakhtin, 2017b, p. 74).

Nesse movimento dialógico, ocorre a compreensão e a interpretação. O ponto de partida é o dado encontrado na materialidade do texto, a leitura é realizada tanto em um movimento retrospectivo (análise dos contextos do passado) quanto em um movimento prospectivo (associado à antecipação do futuro contextual). Assim, “um texto só tem vida contatando com o outro texto (contexto). [...] Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de ‘oposição’” (Bakhtin, 2017b, p. 67). Esse entendimento indica que a função argumentativa se encontra em todos os textos, uma vez que o leitor sempre pode seguir o percurso de um ponto de vista para outro, duvidar das ideias reunidas, questionar o modo como os sentidos podem ser construídos, e essas são circunstâncias em que a valoração axiológica tem um papel central na compreensão ativa; embora também possa ser investigada a construção de estratégias específicas.

O esforço específico para desenvolver a leitura argumentativa, em nossa visão, requer lembrar que a resposta ativa, solicitada na leitura, inclui o reconhecimento de uma questão que suscita a contraposição de ideias, exigindo, portanto, a análise da problematização implicada no discurso e a assunção de uma posição que considera necessariamente os posicionamentos do outro, ou seja, a leitura argumentativa requer identificar os pontos em

discussão antes de haver a definição de um posicionamento frente a eles. Ao colocar um *assunto em questão*, estabelecemos uma relação de discussão e interação entre sujeitos, no qual ocorre o ativismo *dialógico* cognoscente (Bakhtin, 2017b, p. 66), tal como discutido anteriormente. Trata-se de um processo específico, cuja identificação das etapas constitutivas pode colaborar com o trabalho docente de ensino da leitura argumentativa.

- (1) Identificar exatamente o que está sendo questionado já é uma *interpretação criadora*, pois o sujeito utiliza sua visão de mundo, seus pontos de vista e suas posições no momento da seleção de ideias (isso vale para o diálogo direto quanto o mediado e o constitutivo da linguagem);
- (2) Identificar a valoração axiológica que organiza o texto/discurso, entre tantas outras possíveis, em função dos interesses de cada um dos participantes (escritor e leitor), é um processo avaliativo<sup>18</sup> no qual ocorre “uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (Bakhtin, 2017a, p. 36);
- (3) Descrever os pontos centrais que se associam à linha de raciocínio que se pretende seguir é um esforço para seguir os propósitos de cada um estabelece na leitura argumentativa, levando em conta a construção do conteúdo-sentido em associação com as *necessitâncias*;
- (4) Configurar uma maneira de tratar um assunto frente ao outro é definir um modo de ver o assunto para que o outro possa acompanhar a linha de raciocínio. Isso requer praticar o *movimento dialógico da interpretação*, descrito por Bakhtin (2017b, p. 67) em três ações principais: i. ter como ponto de partida: um dado texto; ii. realizar movimento retrospectivo: recuperar contextos do passado; iii. realizar movimento prospectivo: antecipação (e início) do futuro contexto.

Essas quatro características foram organizadas para que sejam explicitados os elementos que recuperam a argumentação como ato *dialógico* cognoscente e possa haver um planejamento voltado especificamente à consecução de um *procedimento de leitura argumentativa*, a partir do qual o leitor venha a compreender a tematização dos discursos em circulação na sociedade. Quando isso é realizado na escola, o estudante-leitor tem a oportunidade de apreender o assunto colocado “em questão”, ou seja, consegue interagir com um assunto quando o considera como problemático (entre as alternativas existentes) – como as palavras se dividem nas próprias palavras e nas do outro, ainda é preciso considerar a posição “do *terceiro*, que se identifica com uma posição objetiva” (Bakhtin, 2017a, p. 38).

---

<sup>18</sup> Toma-se a “avaliação como momento indispensável do conhecimento dialógico” (Bakhtin, 2017b, p. 67).

O leitor, seja estudante ou não, também precisa entender as perspectivas que podem estar implicadas no assunto em questão, assim “a palavra do outro deve transforma-se em minha-alheia [...]” a fim de que seja antecipado os pontos que podem gerar a participação efetiva do outro, bem como analisar as alternativas relacionadas a elas e as justificações (razões) associadas ao assunto em questão a fim de assumir um posicionamento frente a elas (Grácio, 2013, p. 357). Trata-se de uma prática criativa que possibilita a interpretação e avaliação que tem o eu e o outro como cocriadores de sentido.

Com o objetivo de ilustrar esse processo de modo integrado, propomos o esquema a seguir.

Figura 1 – Construção da leitura argumentativa



Fonte: Elaboração própria.

Nesse esquema, procuramos reforçar que o desenvolvimento da leitura argumentativa, em perspectiva dialógica, é um processo que orienta o leitor a articular elementos específicos relacionados ao ato *dialógico* cognoscente e às *necessitâncias*, por assumirmos que uma argumentação se estabelece em um meio em que se tem um *espaço tempo* favorável ao exercício democrático que permite existir diferentes perspectivas. Isso nos impulsiona a reconhecer que a “dialogicidade”, para Bakhtin, não é apenas uma propriedade da linguagem e da comunicação, mas de toda a atividade e existência humanas, dessa maneira a produção de todo conhecimento deve ser visto como dialógico por natureza (Lähteenmäki, 2001).

Por ser epistemológica e ontologicamente relevante, a dimensão dialógica exige do sujeito a compreensão das ideias ou formulações em circulação na sociedade e a avaliação de quais dessas ideias são úteis ao seu ponto de vista, quando pratica a leitura argumentativa. E, para ocorrer a *tematização*, que possibilita a escolha de um tópico a ser discutido frente a



outros existentes na materialidade discursiva, o sujeito precisa selecionar uma perspectiva, entre tantas outras, para analisar o conteúdo-sentido de cada expressão na composição de uma argumentação, sobretudo quando quer identificar um tema em discussão.

Segundo Volóchinov (2017), o tema é sempre único, individual e irrepetível como o próprio enunciado produzido a partir de compreensão responsiva, pois expressa uma situação concreta e historicamente marcada. Assim:

[...] o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entoação –, mas também pelos aspectos extraverbaís da situação. [...] O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta (Volóchinov, 2017, p. 228, grifos do autor).

Na argumentação, ao produzir um posicionamento a partir da leitura argumentativa, o sujeito produz a tematização, ou seja, um recorte que se constitui como tema. Ainda é importante lembrar que o “tema é *um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação*”. Isso ocorre em função de “[...] uma reação da consciência em constituição”, e a “significação é um *artefato técnico de realização do tema*” (Volóchinov, 2017, p. 229, grifos do autor).

Dada à impossibilidade de, neste breve ensaio, tratar de todas as questões implicadas na tematização, para finalizar, queremos insistir que ela contribui para a percepção do ponto de partida argumentador de maneira integrada às relações dialógicas realizadas em um determinado *espaçotempo*. Em síntese, o processo dialógico nos possibilita perceber e compreender que a construção do significado (linguístico) do discurso exige do o sujeito ocupar uma posição que é ativa axiologicamente responsiva, pois cabe a cada um concordar ou discordar (total ou parcialmente) de uma posição diferente da própria, e ao fazer isso o sujeito “completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.; [e] essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante” (Bakhtin, 2016, p. 25).

Como na tematização, simultaneamente, promove o *distanciamento* e o *aprofundamento* do assunto em discussão, esse duplo posicionamento confirma que a contradição e a focalização são constitutivas da argumentação e requerida pela leitura argumentativa, uma vez que no cerne da ação discursiva está um sujeito que analisa o contradiscurso a partir de uma análise profunda do assunto e da avaliação do outro<sup>19</sup>.

Para finalizar esta seção, enfatizamos que a leitura argumentativa tomada em perspectiva dialógica solicita o entendimento de que a apreensão das vivências e das

---

<sup>19</sup> Exemplos práticos de assuntos que podem ser colocados em questão na educação básica podem ser encontrados na obra produzida por Azevedo *et al.* (2023).

situações argumentativas na composição de um discurso, seja em uma conversação ou em um discurso mediatizado de alguma maneira, é um *trabalho* linguístico e intelectual que inclui as sensações e percepções do mundo de um sujeito em um determinado *espaçotempo*, pois é preciso compreendê-las em cada esfera de realização da atividade humana de linguagem.

Também é preciso considerar que estamos tratando de um processo cognitivo e vivencial, conseqüentemente é necessário observar o ato *dialógico* cognoscente e as *necessitâncias* que constituem o discurso, uma vez que são culturalmente organizados os modos como o sujeito pensa um pensamento e se posiciona frente ao outro (de maneira direta ou dialógica), na produção do “conteúdo-sentido” e na assunção da responsabilidade especializada e moral.

Ainda precisamos retomar que nesse tipo de leitura, considerado sempre multidimensional, colocar um assunto em questão é um ato de cognição que também nos torna responsáveis pelo discurso, por que estar direcionado a validades objetivas e subjetivas. Saber algo, então, não equivale à representação correta ou ao espelhamento de um estado de coisas, mas a uma ação mediada que depende das relações dialógicas. Em síntese, no dialogismo, a estruturação e categorização da realidade é vista como uma construção que advém do processo interativo.

Por um lado, um sujeito se envolve em um diálogo com o mundo exterior e com os outros a partir de sua posição única, e a realidade assim constituída pelo sujeito se baseia nas inter-relações entre essas unidades. Por outro lado, a posicionalidade e a perspectividade característica desse processo [...] [possibilita] a construção da realidade [que] é permeada pelas práticas sociais e culturais de uma dada comunidade (Lähteenäki, 2001, p. 52, tradução nossa).

Esse duplo modo de interagir nos permite perceber que a construção da realidade e das visões de mundo é imanentemente social em sua natureza, pois está fundada nas relações estabelecidas pela linguagem e nas formas de vida que são constituídas em comunidade. Com base nesse conjunto de ideias, propomos reconhecer, por fim, que a dimensão dialógica da leitura argumentativa insere os sujeitos em um processo interacional no qual a compreensão ampla da realidade e a avaliação do eu pelo outro (e vice-versa), bem como a mobilização dos sentidos e símbolos, constituem uma base para que seja possível tematizar os conceitos e as situações nos quais os sujeitos estão implicados.

### **Considerações (quase) finais**

Neste ensaio, quisemos propor a compreensão da dimensão dialógica da leitura argumentativa por duas vias principais: 1. uma primeira reflexão acerca da argumentação como ato *dialógico* cognoscente; 2. uma análise das características da leitura argumentativa tratada em sua multidimensionalidade, com ênfase na dimensão dialógica.

Na primeira etapa, partimos do exame da argumentação em diálogo direto, pois entendemos que o aprofundamento das características desse tipo de argumentação nos possibilita tratar de diferenças que nem sempre são observadas, antes de destacarmos algumas das condições de existência do diálogo em sentido amplo.

Na segunda parte, procuramos ressaltar como a leitura argumentativa pode ser identificada e definida, por isso propusemos entender as etapas que podem ser seguidas quando se quer colocar um assunto em questão. Intentamos ainda mostrar que esse procedimento, quando alinhado ao dialogismo, torna-se mais produtivo, posto que nos auxilia a analisar como o processo interacional é favorável à construção de pontos de vista e de posições discursivas.

Embora breve, este ensaio procurou indicar pontos que podem servir de referência para pesquisadores e professores que tenham interesse pela leitura argumentativa no âmbito da compreensão de uma prática específica da linguagem e no âmbito das práticas de ensino e aprendizagem da leitura.

## Referências

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 17-43.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; SANTOS, Emilly S. dos. Desenvolver a competência argumentativa na escola: um desafio para o professor de língua portuguesa. In: AZEVEDO, Isabel C. M.; PIRIS, Eduardo L. (org.). **Discurso e argumentação**: fotografias interdisciplinares. v. 2. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 63-80.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de *et al.* **Dez questões para o ensino de argumentação na educação básica**: fundamentos teórico-práticos. Campinas: Pontes Editores, 2023.

BAJTIN, Mijail M. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores: Y otros escritos. Traducción del ruso: Tatiana Bubnova. San Juan: Anthropos, 1997.

BAKHTIN, Mikhail M. **Toward a Philosophy of the Act**. Translation and Notes by Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução do italiano de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **A teoria do romance I**: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2016a.

BAKHTIN, Mikhail. Diálogo I. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 113-124.

BAKHTIN, Mikhail. Diálogo II. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2016c. p. 125-150.

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução, organização, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 21-56.

BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução, organização, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 57-79.

BEZERRA, Paulo. Breve glossário de alguns conceitos-chave. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **A teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 243-249.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GOMÉZ, Julder. Multidimensionalidad y validez de la deliberación. **Co-herencia**. Medellín, v. 17, n. 32, p. 11-36, 2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. O modelo multidimensional de análise argumentativa: uma introdução. **Alfa**. São Paulo, v. 64, e11666, 2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Afinal, o que é um argumento? **Linha D'Água**. São Paulo, v. 37, n. 1, p. 197-227, 2024. DOI: [10.11606/issn.2236-4242.v37i1p197-227](https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v37i1p197-227). Acesso em: 18 nov. 2024.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Perspectivismo e argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

GRICE, Herbert P. Lógica e conversação. *In*: DASCAL, Marcelo. (org.) **Fundamentos metodológicos da linguística**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas: Unicamp, 1982 [1975]. p. 81-103. v. 4.

GRIZE, Jean-Blaise. **Logique naturelle et communications**. Paris : Universitaires de France, 1996.

JAKUBINSKI, Lev. **Sobre a fala dialogal**. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015 [1923].

JIMÉNEZ, Pedro Pardo. La lecture dialogique. **Estudios de Lengua y Literatura Francesas**. Cadiz, v. 16, p. 7-17, 2005.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. **Uma nova história do tempo**. Tradução de Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Pocket Ouro/Agir Editora, 2005.

HOQUIST, Michael. The Role of Chronotope in Dialog. *In*: Second International Interdisciplinary Conference on Perspectives and Limits of Dialogism in Mikhail Bakhtin, June 3-5, 2009. JUNEFEELT, Karin; NORDIN, Pia (ed.) **Proceedings [...]**, Sweden: Stockholm University, 2009. p. 9- 17.

KOCK, Christian. Multidimensionality and Non-Deductiveness in Deliberative Argumentation. In: EEMEREN, Frans van; BLAIR, J. Anthony; WILLARD, Charles A; HENKEMANS, Francisca S. (ed.). **Anyone who has view**: Theoretical Contributions to the Study of Argumentation. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 157-171.

LÄHTEENÄKI, Mika. **Dialogue, Language and Meaning**. Variations on Bakhtinian Themes. Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2001.

LOTMAN, Jurij M. El problema del signo y del sistema signico en la tipología de la cultura anterior al siglo XX. In: LOTMAN, Jurij M.; Escuela de Tartu. **Semiótica de la cultura**. Tradução del ruso: Nieves Méndez. Madrid: Ediciones Cátedera, 1979. p. 41-66.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação** – A Nova Retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RAHWAN, Iyad; SIMARI, Guillermo R. (eds.) **Argumentation in Artificial Intelligence**. New York: Springer, 2009.

TODOROV, Tzvetan. Pourquoi Jakobson et Bakhtine ne se sont jamais rencontrés. **Revue Esprit**, Paris, v. único, p. 123-150, 1997.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WALTON, Douglas N. **The New Dialectic**: conversational contexts of argument. Toronto: University of Toronto Press, 1998.

WALTON, Douglas N. **Lógica Informal**: manual de Argumentação crítica. Tradução de Ana Lúcia R. Franco, Carlos A. L. Salum. Revisão da tradução de Fernando Santos. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

WALTON, Douglas N. **Dialog theory for critical argumentation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2007.

WALTON, Douglas N.; KRABBE, Erik C. W. **Commitment in Dialogue**: Basic Concepts of Interpersonal Reasoning. Albany: State University of New York Press, 1995.

## Sobre a autora

*Isabel Cristina Michelin de Azevedo*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5293-0168>

Doutora pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Realizou estágio pós-doutoral com María Alejandra Vitale na Universidad de Buenos Aires (Argentina). É professora da Universidade Federal de Sergipe (USF), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Mestrado Profissional em Letras (PPGL/Profletras/UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS).

Recebido em jun. de 2025.

Aprovado em ago. de 2025.